



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14125 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

Comunicação e Educação: Linguagens Audiovisuais na Educação

Maurício José Souza Amorim - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Nayara Cunha da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: LINGUAGENS AUDIOVISUAIS NA ESCOLA

Resumo: O presente trabalho correspondente a uma pesquisa de mestrado profissional em Educação já concluída, que tem por intenção responder ao seguinte problema: de que forma os professores e as professoras da rede pública de educação de uma cidade do interior, no Nordeste, trabalham o audiovisual na sala de aula enquanto reflexão e realização cinematográfica? Para tanto, os objetivos são os seguintes: 1) compreender o contexto audiovisual de professores(as) que trabalham na rede pública de educação de uma cidade do interior, no Nordeste; 2) compreender como ocorre o processo de recepção e consumo dos produtos audiovisuais, além de como ocorre a produção cinematográfica entre docentes; 3) conhecer e analisar como as diversidades são trabalhadas pelos(as) professores(as), utilizando-se de produtos audiovisuais para isso.

Palavras-chaves: Cinema e Educação; Educação Audiovisual; Diversidades.

O cinema não é só matéria para fruição e a inteligência das emoções: ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicitação, demonstração e afirmação de ideias, ou negação destas, mas como produto de cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados (ALMEIDA, 2004, p.32)

O cinema é, num maior ou menor grau, uma indústria, que envolve uma variedade de elementos diferentes, desde a publicidade e empresas que investem recurso, às firmas/produtoras distribuidoras, indústria essa caracterizada por todo um processo de pré-produção à finalização (etapas cruciais de um filme), antes mesmo de chegar ao consumidor final, que é o público, o que normalmente vai importar, para o receptor de um filme, é perceber que o cinema é “apenas essa estória que vimos na tela, de que gostamos ou não, cujas brigas ou lances amorosos nos emocionam ou não” (BERNARDET, 2004).

Essa afirmação do teórico de cinema francês Jean-Claude Bernardet, que vive no Brasil desde a adolescência, talvez entre em conflito com Milton José de Almeida, que estuda as linguagens verbais, visuais e audiovisuais, principalmente pelo fato de o primeiro nos trazer uma afirmação que, pelo menos através do que possamos interpretar dela, não nos impulsiona a ver o cinema como uma arte que tende muito mais a agregar ao senso (crítico) do que meramente (não que o emocionar não seja válido, necessário e legítimo) provocar a emoção, ao passo que o segundo autor afirma que o cinema tem/traz elementos que impulsionam não só a inteligência como também elemento crucial para o que deve ser um processo de ensino e aprendizagem.

Nesta pesquisa concluída, de um mestrado profissional em Educação, de uma universidade pública nordestina, que também dialoga com uma pesquisa em andamento, ambas produzidas por mestrandos pertencentes a um grupo de pesquisa desta universidade, refere-se à análise e reflexão sobre a(s) forma(s) como os produtos audiovisuais são recepcionados e consumidos pelos professores e como estes mesmos profissionais trabalham as diversidades com seus discentes, utilizando-se do audiovisual para atingir tal intento.

A arte e, mais especificamente, a arte-educação auxilia e dialoga com a gramática audiovisual para que o cinema e todas as suas outras manifestações (sejam da TV ou dos vídeos da internet) não se limitem a serem meros recursos pedagógicos instrumentais num contexto de ensino e aprendizagem. Conduzindo o estudo para a sua problematização: de que forma os professores e as professoras da rede pública de educação de uma cidade do interior, no Nordeste, trabalham o audiovisual na sala de aula enquanto reflexão e realização cinematográfica? Os objetivos são: 1) compreender o contexto audiovisual de professores(as) que trabalham com a rede pública de educação de uma cidade do interior, no Nordeste; 2) compreender como ocorre o processo de recepção e consumo dos produtos audiovisuais, além de como ocorre a produção cinematográfica entre docentes; 3) conhecer e analisar como as diversidades são trabalhadas pelos(as) professores(as), utilizando-se de produtos audiovisuais para isso.

Neste sentido, a perspectiva qualitativa foi o caminho metodológico percorrido na pesquisa. Segundo Minayo (2002, p. 14), as Ciências Sociais “Lidam com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos”.

O dispositivo de pesquisa utilizado na pesquisa foi a entrevista semiestruturada, uma vez que ela oferece a possibilidade de o entrevistado ter uma maior liberdade para se expressar, levantando, inclusive, seus questionamentos e comentários, avaliações a respeito da pesquisa, sem perder de vista o objeto a ser pesquisado. Para Triviños (2011, p. 146), a entrevista semiestruturada é:

Aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Nesta perspectiva, a entrevista semiestruturada é coerente com o enfoque qualitativo da pesquisa, pois poderá oportunizar mais espaço para que os professores e as professoras da rede pública de educação de uma cidade do interior, no Nordeste que foram entrevistados(as) a respeito do trabalho com o audiovisual num ambiente de ensino-aprendizagem, contribuam e troquem opiniões dentro e fora, por exemplo, de um espaço do grupo de experiências que, por acaso, tenha sido pensado como um (ou mais um) dispositivo de pesquisa. A escolha da amostra se deu por envolvimento do(a) professor(a) com a pesquisa, chegando a doze entrevistados.

Neste entrecampo da Comunicação e a Educação, o esteio teórico-filosófico se deu através da racionalidade comunicativa, baseada na Teoria do Agir Comunicativo, de Jürgen Habermas, que aponta o discurso como prática fundamental e recorre à ideia da argumentação como “um tipo de discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos” (HABERMAS, 2012, p. 48). Essa ideia nos ajuda a compreender como as obras artístico-midiáticas, como o cinema, são textos sobre o mundo que podem dialogar com os espectadores no sentido de estimular uma atitude reflexiva, pois, segundo Habermas (2012), não basta entender como as pessoas se

comunicam ou autointerpretam, mas sim observar sua maneira de se comportar em cada caso enquanto participante da argumentação sobre o mundo.

No campo da racionalidade comunicativa, as relações dos sujeitos poderão oportunizar uma visão do mundo da vida em que os participantes se expõem permitindo compreender traços da sua personalidade, o seu mundo social, sua cultura e suas vivências.

O sujeito problematiza a necessidade de se conservar a diferença entre práxis e técnica, de uma maneira que a consciência tecnocrática não se inflija como a única referência para intervenção social e para a constituição da individualidade, mas sim uma ação comunicativa centrada no entendimento do sujeito que interage com o outro, através da linguagem, sendo este o verdadeiro motor da integração social (HABERMAS, 2012).

Quanto aos resultados da pesquisa, é importante destacar que os professores e as professoras, em variadas circunstâncias, desenvolvem estratégias em sala de aula a partir de seu conhecimento técnico (quando há), numa perspectiva de treinamento do aluno. A didática do professor é direcionada para o conhecimento profissional, através de um ensino prático em sua totalidade, centrado, apenas, em uma racionalidade técnico-instrumental e não da racionalidade comunicativa, baseada na consciência crítica das linguagens audiovisuais na escola.

Conclui-se que o fato de os(as) docentes compreenderem que a linguagem audiovisual não só faz parte do cotidiano dos(as) alunos(as), como o audiovisual tem um significativo papel enquanto recurso pedagógico, sendo um aliado, favorecendo uma desejada interdisciplinaridade que resulta no processo de culturalização artística/audiovisual desses(as) alunos(as). Como a arte, assim como produções audiovisuais, precisa ocupar um espaço de maior destaque nos ambientes escolares e, principalmente, o fato de que a diversidade não só deve ser a pauta do dia nas escolas, como pode (e deve) estar acoplada ao uso do audiovisual como recurso didático-pedagógico.

Por fim, em uma perspectiva de investigação sobre Comunicação e Educação a escolha da racionalidade comunicativa como campo teórico-filosófico dá-se a partir da compreensão de engajamento dos sujeitos e da comunidade como espaço político de intercâmbio de saberes e valorização da comunidade local. Diante disso, a racionalidade comunicativa surge de um processo efetivo de comunicação em que os sujeitos capazes de linguagem compartilham o mundo vivido através do diálogo, possibilitando uma interação dos fatos objetivos e sociais para produzir entendimento mútuo (ANECLETO, 2016).

O papel da comunicação é, no contexto de tomada de consciência, o de pronunciar e anunciar a voz dos(as) professores(as) e alunos(as), revelando problemas, dialogando sobre necessidades e divulgando saberes, potencializando sua voz; produzindo, disseminando e preservando conhecimentos; construindo e compartilhando saberes. Essa revelação só será possível se garantirmos a efetiva participação dos sujeitos que pisam o chão da escola nos espaços de escuta e tomada de decisões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e som: a nova cultura oral*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ANECLETO, Úrsula. *Ação linguístico-comunicarivo e a interação na esfera pública comunicacional*. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 162. 2016.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRAGA, José L.; CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação: Questões delicadas da interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. *Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo*. In. MOLINA, Mônica Castagna; JESUS Sonia Meire Santos Azevedo de. (Org.) *Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo*. Coleção por uma Educação do Campo, nº 5. Brasília, 2005.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Pesquisa com o cotidiano*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 19 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Vol.1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2. Ed. Tradução Guido

Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989b HABERMAS, Jürgen. Racionalidade e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2002b.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2002.

OLIVEIRA, Geraldo Magela de. Cinema e formação de professores em cursos de licenciatura. Fortaleza, 2013. 126 p.

RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção: para quem gosta, faz ou quer fazer cinema. 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis: Editora Vozes. 2006. 5ª Ed.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 20. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.